

# AS VARIADAS FACETAS DA VIOLÊNCIA\*

**Jacson Caprini de Oliveira**

Mestrando em Ciências Criminais pela PUCRS

**Felipe Antunez Martins**

Advogado. Mestrando em Ciências Criminais pela PUCRS

Resumo: a violência genérica é aqui tratada como elemento multifacetado e que necessita assim de um estudo interdisciplinar, considerando a sua complexidade. A proposta é fazer uma análise de como o fenômeno se apresenta e se desenvolve na sociedade, trazendo assim sua etiologia, bem como buscando refletir sobre as possíveis soluções à problemática da violência. Finalmente, busca-se o reconhecimento das alterações que o fenômeno da violência causa na sociedade em termos socioculturais, uma vez que modifica a formação dos indivíduos e fomenta o medo em todas as suas formas e matizes possíveis, gerando a sociedade do caos.

Palavras-chave: violência – etiologia – sociedade

Abstract: the generic violence is here treated as a multifaceted element and that needs then an interdisciplinary study, considering your complexity. The proposition is to make an analysis of how the phenomena shows and develops in the society, bringing then his etiology, and looking for to think about the possible solutions for the problem of violence. Finally, look for the recognition of the alterations that the phenomena of violence caused in the society in sociocultural terms, as it modifies the formation of individuals and develops the fear in all his forms and possible nuances, generating the society of chaos.

Key-words: violence – etiology – society – chaos

Sumário: Introdução – 1. Analisando a violência – 2. Etiologia da violência – 3. Proposições para um controle da violência – Conclusão – Referências Bibliográficas.

## INTRODUÇÃO

Fato notório, a violência é um mal que atinge toda a humanidade, sem fazer qualquer tipo de distinção (seja ela cor, raça, etnia, sexo ou classe social). Estudos demonstram que ela ocorre desde os tempos mais remotos da antiguidade, quando as disputas se centravam nas discussões sobre a propriedade de terras, diferenças culturais ou religiosas.

Primeiramente é necessário desmistificar a questão de que todo o tipo de violência acarreta exclusivamente um prejuízo de ordem física no ser humano. Desta forma então,

---

\* NOTA: Este texto é parte integrante (resultado parcial) de minha dissertação de mestrado intitulada “MAUS-TRATOS CONTRA OS IDOSOS NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE DE 2010 A 2011: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR” a ser apresentada até fevereiro de 2014.

pretende-se trazer à baila as mais variadas espécies de violências que podem ser verificadas no cotidiano, procurando-se explicitar cada modelo e em que situações podem ser observadas.

Neste sentido então que caminha o presente artigo, que pretende explicitar o que é o termo violência, como o mesmo se manifesta atualmente na sociedade, qual (ou quais) é a sua etiologia e o que se pode traçar como medidas alternativas para buscar um freio no seu possível (e provável) alastramento.

Considerando-se então a complexidade do fenômeno é que se irá utilizar de uma forma de estudo interdisciplinar, criando-se assim a possibilidade de transitar pelas mais diversas áreas correlatas que possam trazer uma visão ampla e significativa do evento em epígrafe. A exemplo do disposto, irá se perpassar pelo direito, filosofia, sociologia, antropologia e ciências da saúde, visando entender cada aspecto do objeto com a profundidade possível, dada também a limitação deste apanhado.

O propósito deste artigo é convidar o leitor a refletir sobre o evento da violência, verificando como ele se manifesta e quais as causas que levam os sujeitos a assim agir. Desta forma ter-se-á condições de se formar um conceito claro e objetivo do fenômeno, ficando em aberto às sugestões de continuidade em trazer alternativas de retenção dos reflexos do movimento violento que estão presentes no dia a dia e transformando a sociedade de forma prejudicial.

## 1 Analisando a violência

O presente artigo pretende refletir sobre o fenômeno da violência, o qual é tão antigo quanto à humanidade, e que vem se desenvolvendo, se alastrando e se modificando com o passar dos tempos.<sup>1</sup> Certo é que sofre influências dos mais variados campos, nestes termos: ambiental, demográfico, político, cultural, social e econômico, dentre outros que constituiriam um rol quase que infindável. Importante, no entanto, é compreender ao menos o que significa, em linhas gerais, a violência<sup>2</sup> e buscar perceber como ela afeta o meio em que vivemos<sup>3</sup>,

---

<sup>1</sup> A exemplo do disposto, Nilo Odalia (op. cit.) nos traz a expulsão de Eva e Adão do paraíso, como início e expansão de um movimento de violência, com suas origens arraigadas, além de historicamente, na religião e posteriormente na cultura do homem. Neste sentido Roger Dadoun (op.cit.) nos lembra de um dos primeiros crimes da humanidade, cometido por Caim contra Abel e, indo adiante, traz uma passagem bíblica onde Deus teria dito “Preencham a terra e subjuguem-na; dominem os peixes do mar, os pássaros do céu ...)”, e analisa o autor as palavras subjugar e dominar que tem, expressamente, conteúdo de incitação à violência.

<sup>2</sup> Para Yves Michaud (op. cit.) a violência tem correlação direta com o caos, a partir do momento em que com ela observa-se a desordem, e a falta de regramento. Ainda, a violência acaba originando a imprevisibilidade, o que traz consigo um movimento permanente de insegurança para os formadores de toda uma coletividade e assim ameaça a ordem social.

<sup>3</sup> Neste sentido ressalta Michaud (op. cit.) que cada sociedade irá ter que lidar com a gama de violência que irá se apresentar em dado local, podendo ou não ter êxito conforme os critérios que utilizar para tratar da problemática.

almejando, por conseguinte, traçar alternativas que possam, no mínimo, frear esta espécie de “pandemia” e assim proteger a integridade e a dignidade de cada ser humano.

Primeiramente traz-se um conceito deste termo, longe é claro de buscar algum dogma, para situar-se a discussão. Neste sentido tem-se então que para Faleiros violência:

é um processo social relacional complexo e diverso. É um processo relacional, pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais, institucionais e familiares. A sociedade se estrutura nas relações de acumulação econômica e de poder<sup>4</sup>, nas contradições entre grupos e de classes dominantes e dominados bem como por poderes de sexo, gênero, etnias, simbólicos, culturais, institucionais, profissionais e afetivos. É um processo diversificado em suas manifestações: familiares, individuais, coletivas no Campo e na cidade, entre os diferentes grupos e segmentos, e atinge tanto o corpo como a psique das pessoas.<sup>5</sup>

Em suma, a ideia de violência está intrinsecamente ligada ao conceito de poder e subordinação<sup>6</sup>, visto que num mundo capitalista tomou enormes proporções, sendo que hodiernamente verifica-se uma valoração maior ao patrimônio do que à própria vida, quando nos referimos aos bens juridicamente tutelados.

Quanto à questão do poder e sua relação com a violência temos duas correntes bem distintas. Uma é formada por personalidades, de esquerda e direita, tais como Wright Mills, Weber, Mao Tse Tung e Bertrand de Jouvenel, para os quais o poder é a chave de todo o movimento de violência. Ou seja, quem o detém teria então influência direta no sentido de provocar a violência na sociedade e, por outro lado, Hannah Arendt<sup>7</sup>, a qual vê a violência como oposta ao poder, pois para ela este somente se manifesta quando há um consenso entre várias pessoas. Em suma, a desintegração do poder é que irá gerar a violência. Nas palavras da autora:

politicamente falando, é insuficiente dizer que poder e violência não são o mesmo. Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas deixada a seu próprio curso, ela conduz à desapropriação do poder (...) falar de um poder não violento é de fato redundante.

Analisando o fator da imposição ou submissão, por outro lado, John Stuart Mill fala que “a primeira lição da civilização é aquela da obediência” (Arendt, 1994). Neste sentido

<sup>4</sup> Para Beristain (op.cit.) o poder não deve ser considerado como algo questionável, mas sim como algo bom a partir do momento em que o homem souber fazer bom uso dele.

<sup>5</sup> FALEIROS, V.P. **Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores**. Brasília: Universa, 2007b.

<sup>6</sup> Importante ressaltar que em termos de poder tem-se no Estado a figura de titular da violência” legítima”, quando imprime as normas de convivência, com o intuito de garantir a segurança e o bem estar da sociedade.

<sup>7</sup> ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Mill ainda acrescenta que podemos verificar dois vértices neste assunto, um em que o indivíduo tem inclinação pelo poder e outro em que o indivíduo é submisso a este poder. Neste sentido a psicologia nos ensina que tão forte quanto o poder é o instinto de submissão no homem. O grande problema que se vislumbra, no tocante ao poder e controle, é que inevitavelmente irá resultar em alguma forma de violência e exclusão do ser humano.

Aliás, em termos de exclusão têm-se excelentes reflexões como nas obras de Jock Young<sup>8</sup> e George Lukács<sup>9</sup>. Young desenvolve um acurado raciocínio frente às exclusões do mundo moderno originadas pelo forte movimento capitalista e pela industrialização. O movimento pós-guerra, na década de 60, é seguido de uma grande demanda nos setores fabris e industriais, que acabam buscando um grande número de mão-de-obra a qual fica a cada dia mais alienada e submissa.<sup>10</sup> Por conta disso, o capitalismo leva o homem a um consumo exagerado e que, em última instância, começa a trazer à tona uma figura que vale mais pelo que tem do que pelo que representa em seu meio. Lukács há seu tempo irá trazer então a transformação que este homem, escravo do capital, acaba sofrendo. O homem é então “*coisificado*”, transformando-se em um objeto de uso, como já o fora primordialmente nos tempos da escravidão em que era visto como propriedade (*res*)<sup>11</sup> do “senhor”. Lukács acrescenta que o conceito de coisificação é resultado de uma economia de mercado, em que tudo é medido pelo seu valor de uso e troca. Assim, as pessoas se “*coisificam*” num mercado que está à procura da melhor oferta. Em última análise, a sociedade fica assim despida de sentido e de sentimento humanista.

A obediência, por seu momento, nunca pode ser considerada inquestionável. Uma vez que assim ela seja vista acaba se tornando um ato de violência. A obediência deve ser dirigida às leis e não aos homens, pois de outra forma estaria se desvirtuando, ou seja, perdendo seu real sentido e passando a ser uma tirania, como já ensinava Montesquieu.

Por outro lado é possível que o indivíduo reaja às manifestações de poder e com isto evite que a violência o atinja de forma prejudicial. Neste sentido a metáfora dos “*vasos capilares*” na lição de Foucault<sup>12</sup> quando esclarece a possibilidade do indivíduo transitar entre

<sup>8</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

<sup>9</sup> LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

<sup>10</sup> Neste sentido importante a produção cinematográfica de Charles Chaplin, Tempos modernos, a qual faz uma severa crítica ao movimento industrial-capitalista e retrata muito bem o quadro de alienação enfrentado pelo operário da época.

<sup>11</sup> Do latim, significando coisa ou objeto. Visão esta que se tinha já em tempos mais remotos e hoje toma outra personificação quando ligada ao capitalismo. Ainda, o negro foi considerado, até 1888, como coisa que podia ser comprada, vendida ou trocada, ao bel prazer do seu senhor.

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Graal: 1988.

estes vasos, circulando dentro e fora deles, estando ora sujeito aos poderes e ora colocando os seus poderes em prática. Ou seja, o indivíduo passa da posição de oprimido para uma reação de resistência e assim adquire novamente suas liberdades. Este movimento é importante, pois vai definir como a sociedade e as instituições irão interagir com este indivíduo (caso ele se revele submisso ou não).

Neste sentido é que se busca um equilíbrio das relações e uma harmonia no convívio entre os cidadãos, que assim possam auxiliar-se mutuamente, apesar das alteridades que são perceptíveis às claras. É indiscutível que a nossa sociedade tem em sua base um comportamento de competitividade, mas esta pode ser vista como algo salutar, a partir do momento que se consiga trabalhá-la sem prejudicar os que estão a nossa volta.

Já para a Organização Mundial de Saúde<sup>13</sup> violência é:

uma noção referente aos processos e às relações sociais interpessoais, de grupos, de classes, de gênero, ou objetivadas em instituições, quando empregam diferentes formas, métodos e meios de aniquilamento de outrem, ou de sua coação direta ou indireta, causando-lhes danos físicos, mentais e morais.

Além disso, requer-se intencionalidade e realização do ato, não necessitando, no entanto que se verifique algum resultado em concreto. Ainda, como nos lembra Gabriel Chittó Gauer: “a violência é um elemento estrutural, intrínseco ao fato social e que aparece em todas as sociedades”.<sup>14</sup> E finalmente nos adverte Angel Pino<sup>15</sup> que a violência é um fenômeno complexo, tendo seus impactos no campo psicológico, filosófico e antropológico, sendo que neste último ocorre um rebaixamento equivocado do homem ao nível da animalidade. Este rebaixamento não encontra sentido em função de não haver liberdade, consciência e intencionalidade, as quais são características exclusivas do homem. Em suma, a violência é um conceito complexo, multifacetado, e que atinge desta forma diversificadas áreas, tendo reflexos nos campos social, individual, relacional, econômico e cultural.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> World Health Organization. Global consultation on violence and health. **Violence: a public health priority.** Geneva: WHO; 1996.

<sup>14</sup> GAUER, Gabriel José Chittó. **A complexidade do fenômeno da violência.** PUCRS Informação em Revista: Porto Alegre, v.26, n. 116, p. 43, 2003.

<sup>15</sup> Angel Pino é Doutor em psicologia e professor livre-docente (aposentado) pela Universidade de Campinas – SP. Ainda, nos adverte o professor no seu artigo Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo (op. cit.) para o fato da confusão terminológica que pode se verificar quando falamos em violência remetida ao significado de crime ou agressão. O primeiro apresenta um significado jurídico e o segundo vai revelar um impulso natural do homem, buscando sua defesa (ou ataque) às possíveis ações humanas.

<sup>16</sup> Acrescente-se que além da violência ser um objeto complexo a sociedade assim também o é, como nos ressalta Michaud (op. cit.), devido às suas diversas subdivisões no campo do trabalho, interações sociais e nas trocas econômicas. Esta coligação de complexidades é que irá gerar, em última instância, a vulnerabilidade das sociedades contemporâneas.

Seguindo esta dinâmica, a Organização Mundial de Saúde, publicou no seu relatório de 2002 (em reunião realizada em Genebra) o modelo convencionado como ecológico<sup>17</sup>, que busca explicar como se manifesta este fenômeno multifacetado. Este modelo então irá analisar as diversas estruturas buscando assim explicitar o fenômeno da violência.

Em um primeiro nível tem-se então a figura do indivíduo. Neste nível iremos verificar os fatores biológicos que permeiam o mesmo, a sua educação e cultura, a fim de avaliarmos a influência que o mesmo pode ter no meio (agindo como vítima ou agressor). O segundo nível perpassa pelas relações sociais propriamente ditas, que poderá se verificar em nível familiar compreendendo as relações mais íntimas ou mesmo de dependência. Importante salientar que neste meio (principalmente o familiar) são comuns os atos de violência reiterados que ocorrem em relação a cada componente do grupo. A comunidade está no terceiro nível, e neste ponto então se incluem as outras espécies de instituições (afora a família), em que o indivíduo irá tomar parte e poderá figurar como vítima ou agressor. Este ponto é de suma importância, já que em muitos casos vai ter forte influência do meio em que vive o indivíduo, causando um maior número de atos violentos (como nos casos de bolsões de miséria e pontos de tráfico de drogas) e conseqüentemente um grande número de exclusões do sistema. Finalmente tem-se a sociedade no quarto e último nível desta proposta. Este nível é que irá trazer então as normas de convívio, que buscarão enfrentar concretamente o problema da violência, objetivando amenizar os impactos e criar subdivisões de grupos sociais, a fim de evitar os grandes conflitos.

Traçadas as bases conceituais sobre a violência, dirige-se agora para uma tipificação desta. Acrescente-se que, assim como o instituto da violência, a sua tipificação está distante de ser vista como hermética, principalmente pelo fato de a sociedade ser dinâmica e, portanto mutável.

Neste sentido, achou-se por conveniente trazer a classificação estabelecida pela Política Nacional de Redução de Acidentes e Violências do Ministério da saúde, conforme segue:

---

<sup>17</sup> DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. **Violência:** um problema global de saúde pública. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 11, supl. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso). Acesso em 22/08/2013.

Tipologia	Formas de Violência
Abuso físico, maus-tratos físicos ou violência física	Uso de força física (tapa, espancamento, empurrão, queimadura) para obrigar os idosos a fazerem o que não desejam, para feri-los, provocando incapacidade ou morte.
Abuso, violência ou maus-tratos psicológicos	Agressões verbais que visam aterrorizar os idosos, humilhar, desqualificar, restringir sua liberdade e isolá-los da convivência social.
Abuso sexual, violência sexual	Ato sexual (estupro, assédio, pornografia) com pessoas idosas por meio de violência física ou ameaças.
Abandono	Violência que se manifesta pela deserção ou ausência dos responsáveis governamentais, institucionais ou familiares de prestarem assistência a uma pessoa idosa necessitada de proteção.
Negligência	Manifesta-se na recusa ou omissão de cuidados básicos, devidos e necessários aos idosos, pela família ou instituições. Compõe a privação de necessidades básicas, física e emocional. No âmbito intrafamiliar, existem sempre os fatores de risco, como a história da violência familiar, dependência (idoso fragilizado e agressor dependente da vítima), incapacidade funcional com alto grau de dependência para as atividades da vida diária, estresse ou intolerância do cuidador, isolamento social, problemas na área da saúde mental, presença de dependência química entre os membros da família, entre outros.
Abuso financeiro e econômico	Consiste na exploração ilegal ou imprópria dos idosos, ou utilização ou apropriação não consentida por eles de seus recursos financeiros e patrimoniais.
Autonegligência <sup>18</sup>	Diz respeito à conduta da pessoa idosa que ameaça sua própria saúde ou segurança, devido à recusa de cuidar de si mesma. O próprio idoso, por pressão do estigma, sente-se muitas vezes ultrapassado, que não serve para mais nada. Assim, a negação social do direito à existência é uma das mais graves formas de violência e é perpetrada pelo próprio idoso em relação a si mesmo e pela sociedade.

Quadro 1 – Tipologias e formas de violência contra o idoso.

Fonte: Ministério da Saúde, 2001.

Note-se que, apesar do Ministério da Saúde ter exposto as formas de violência direcionadas contra o idoso, na tabela acima, estes modelos servem para caracterizar as diversas modalidades que são infligidas contra todos os indivíduos sem qualquer distinção por idade, sexo, cor, raça, etnia ou outras características imanentes.

Para todo efeito, a violência é algo que pode se manifestar de diversas formas tais como guerra<sup>19</sup>, assassinatos, tortura, violência sexual, terrorismo, preconceitos, dentre outras que podem ser verificadas no cotidiano. Alguns tipos de violência que são mais conhecidos no geral seriam: física, psicológica, sexual, abandono, negligência, violência financeira ou econômica, autonegligência, violência medicamentosa, violência emocional e social.<sup>20</sup> Estes são subtipos da violência doméstica, sendo que ainda existem outras espécies tais como a

<sup>18</sup> A Organização Mundial de Saúde, no relatório de 2002, ainda traz a auto-agressão como forma de violência causada pelo próprio indivíduo, sendo que pode ser figurada nesta classe a automutilação e o suicídio (pensamentos suicidas ou o ato propriamente dito), a título de exemplos.

<sup>19</sup> Para Hannah Arendt, apesar de a guerra ser a ultima ratio para se dar seguimento a política por meio da violência, ela não justifica o uso de seus meios ultrapassados para o atingimento desta finalidade. Neste mesmo sentido importante a observação do físico russo Sakharov quando diz que “uma guerra termonuclear não pode ser considerada uma continuação da política por outros meios – ela seria um meio para o suicídio universal”.

<sup>20</sup> Classificação proposta por Maria Cecília Minayo na obra “Violência contra Idosos – o Averso de respeito à Experiência e à Sabedoria”.

sistêmica e a estrutural<sup>21</sup> (falta de condições mínimas de dignidade como trabalho, escola, saúde) e a violência policial<sup>22</sup> (mais conhecida como abuso de autoridade).

O quadro, na verdade, procura desmistificar a demasiada importância que se dá à violência física e assim apresentar uma gama de modalidades que podemos verificar no dia a dia. Aliás, diga-se de passagem, que a violência mais crítica na verdade não seria a física, mas sim a que chega à alma, como nos lembra Foucault<sup>23</sup>, quando no primeiro capítulo descreve os sacrifícios corpóreos e, na sequência vai traduzir a vontade do rei da época, que não contente com esta forma de punir, procura outra que transpasse o coração e a alma do ser humano, levando o sofrimento por uma eternidade (ou para outro plano, como se refere).

Ainda, assevera Nilo Odalia<sup>24</sup> que uma forma de violência é a desigualdade. Percebe-se, entretanto, que este modelo adentrou a base da sociedade e ali se fixou como se fosse algo natural. O resultado deste fenômeno é uma série de agressões de cunho psicológico, social, político e econômico que de alguma forma acaba atingindo a integridade do indivíduo. A partir então desta desigualdade, principalmente com foco econômico, é que acabam se gerando intermináveis conflitos que podem ao fim e ao cabo, resultar em violência (simbólica ou real) entre os seres humanos.

Outro quadro caótico que se verifica na atualidade é o ligado a arquitetura que se originou, fruto da violência. Em um primeiro momento iremos ter o desenho do panóptico, o qual se traduz em uma forma de vigiar, a todos e a todo o momento, sem que, no entanto o objeto de cuidado saiba quando está sofrendo com este tipo de violência. O panóptico surge na obra de Jeremy Bentham<sup>25</sup> e é, posteriormente, comentado na obra de Foucault (*Vigiar e Punir*, 2006). Este modelo arquitetônico era basicamente formado por um círculo central e, que possuía a sua volta outro de maiores dimensões subdividido em várias células onde ficariam alojados os delinquentes da época. Por um jogo então de luz e sombra seria possível ao carcereiro observar, sem ser observado, cada um dos indivíduos que ali estavam alojados.

---

<sup>21</sup> Cirino dos Santos explica que a violência estrutural está vinculada às desigualdades sociais e critica o Estado por não promover benefícios sociais e gerir os conflitos.

<sup>22</sup> Zaluar sustenta que é preciso mudar o modelo policial. Devemos sair do policiamento que conta com a suspeição sistemática, com a perseguição, com o tiro e com a ética da coragem, para um policiamento científico, modulado segundo as diferentes características da criminalidade e que respeite os direitos dos cidadãos, estes devem ser importunados pela polícia na medida adequada e proporcional em relação aos gravames que produzem contra a tranquilidade da comunidade e contra os preceitos legais.

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 31ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

<sup>24</sup> ODALIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>25</sup> Jeremy Bentham foi filósofo e jurista do século XVIII, que em 1789 concebe o modelo do panóptico pela primeira vez, como uma forma de prisão elaborada com o intuito de reformar os encarcerados.

Este movimento de controle seguiu-se evoluindo e hoje é o que denominamos de “big brother” ou “surveillance”<sup>26</sup> composto de aparatos destinados à observação em tempo integral dos fatos que ocorrem cotidianamente, sob o propósito de procurar evitar o alastramento da violência e fomentar o movimento de “lei e ordem” em termos universais.<sup>27</sup> O que acaba ocorrendo, como efeito reflexo, é um cerceamento da liberdade de cada indivíduo, que não consegue mais agir com naturalidade frente a tantos observadores.

Em consonância com o disposto, observa-se que as residências atualmente estão compostas de tal forma que acabam parecendo verdadeiros cárceres privados. O que no passado era um local de aconchego hoje, cercada por aparatos elétricos, eletrônicos, grades, muros e todo o tipo de proteção que se possa imaginar, acabou se tornando um “centro de estresse social” em que cada indivíduo se fecha na esperança de ter sua integridade preservada.

## 2 Etiologia da violência

O que se verificou até o momento foi como se define a violência, quais os principais tipos que podem ser observados na natureza e como estes tipos se manifestam cotidianamente. Seguindo a análise, passa-se agora para a etiologia da violência, buscando compreender melhor este fenômeno, para então ter condições de finalmente traçar sugestões de medidas que possam freá-la, dentro do possível.

Desde há muito tempo é que se pretende ter, além de uma clara definição do instituto da violência, uma explicação precisa do que leva o indivíduo a cometer determinados tipos de delitos ou a manifestar-se de forma violenta em relação aos fatos que ocorrem cotidianamente. Esta tarefa, no entanto, é árdua e exige a convergência de várias áreas de estudo do homem e do comportamento humano, motivo pelo qual se faz imprescindível mais uma vez a interdisciplinaridade. Neste sentido têm-se estudos dos mais variados, sendo que alguns biólogos, etnólogos e zoólogos irão ser de suma importância para a compreensão das origens da violência. Fato é que o homem, segundo a teoria Darwinista, tem origem animal e neste aspecto é que se iniciam então alguns estudos que procuram explicar o fenômeno da violência.

---

<sup>26</sup> O extremista movimento é denunciado na obra de Keith Hayward, *Cultural Criminology*, em que traz fotos das mais diversas formas de aparatos, tanto eletrônico quanto de outros aspectos, e aponta os reflexos que todo este cuidado tem infligido na sociedade contemporânea.

<sup>27</sup> Em países de primeiro mundo observa-se que é infinito o número de aparatos eletrônicos distribuídos em pontos de grande circulação, e com alta tecnologia. Estes equipamentos procuram intimidar qualquer sujeito que tente agir fora do que é normatizado pela sociedade, sendo posteriormente objeto de punição.

Criminologicamente falando é necessário, mesmo que de forma breve, tocar na escola positivista. Creio que não há como passar pela origem da violência sem trazer à tona o pensamento lombrosiano. Cesare Lombroso (1835-1909) foi um destacado cirurgião e cientista italiano que, em suas diversas pesquisas com seres humanos, buscou provar que a violência era algo inerente ao ser humano delinquente (o que ele denominou de atávico ou nato) e que este teria então diversas características físicas que o diferenciariam dos demais formadores da sociedade.

Esta posição, além de polêmica foi fruto de inúmeras críticas e acabou por ficar totalmente superada. Um dos maiores críticos então às ideias lombrosianas foi Gabriel Tarde (1843-1904). Para Tarde o criminoso é um produto da sociedade e que age de maneira profissional, assim como o médico, o advogado e o engenheiro (dentre outros), ele aprenderia com seus “companheiros de profissão” as técnicas criminosas.

Hannah Arendt<sup>28</sup>, por seu turno, explica em sua obra sobre a violência que o homem tem isto como um instinto, assim como o sexual, e sendo assim está naturalmente ligado a sua gênese. Extirpá-la completamente do homem é, além de objeto utópico, outra forma de violência, pois iria de certa forma agredir a natureza humana. O que sugere então a filósofa e política alemã é que sejam liberadas pequenas descargas deste elemento a fim de evitar com isso uma “bomba relógio” que pode ter efeitos inimagináveis e, conseqüentemente, prejudicar não somente o próprio indivíduo como aos demais constituintes da sociedade.

Quanto à atualidade, pode-se dizer que há um consenso no sentido de que a violência está se tornando cada vez mais presente nas vidas de cada cidadão, independente da idade, sexo, raça ou qualquer outro traço distintivo, além de não estar mais restrita aos meios urbanos como se observava em outros períodos históricos<sup>29</sup>. Fato este que é preocupante, já que fica explícito que há um alastramento deste fenômeno que atinge a sociedade como um todo. Neste sentido nos alerta Gabriel Gauer<sup>30</sup> para o fato de que, ao se reduzirem significativamente as instâncias formais de controle social da violência (igreja, escola, famílias, sindicatos) ocorrem as formações dos “guetos”, onde preponderam as famílias sem pais e o tráfico de drogas que contribuem para um aumento da violência. Neste sentido também a posição de David Garland<sup>31</sup> quando fala no “outro” e em nossa preocupação

---

<sup>28</sup> ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>29</sup> Neste sentido nos alerta Linda L. Dahlberg, da OMS, que com a propagação da violência em grande escala, esta tem se tornado uma das principais causas de morte entre pessoas com 15 a 44 anos de idade.

<sup>30</sup> GAUER, José Chittó. **A complexidade do fenômeno da violência**. PUCRS Informação em Revista: Porto Alegre, v.26, n. 116, p. 43, 2003.

<sup>31</sup> GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. (tradução, apresentação e notas André Nascimento). Rio de Janeiro: Renavan, 2008.

constante em eliminar este para que possamos ter uma vida mais aprazível em sociedade. Segundo o autor nós (da classe média ou alta) nos convencemos de que o “outro” deve ser extirpado da sociedade por não mais pertencer a esta, não serem mais “membros do público” e conseqüentemente não merecerem os cuidados proporcionados pela sociedade. São vistos então como subclasses, voltados ao consumo de drogas ilícitas e conseqüentemente predispostos à violência. Em suma, “nós” ficamos num constante sentimento de insegurança em relação a “eles” que estão agindo fora do padrão de comportamento ditado pela sociedade. Ainda, critica o autor a sociedade consumista, que acaba marginalizando assim alguns setores substanciais da população, e o Estado que assim acaba se tornando incapaz de manter uma regulação da sociedade “de cidadãos individualizados e de grupos sociais díspares”.

Ocorre que, apesar de ser um antigo problema da humanidade, ainda há vários estudos incompletos no que tange as causas que possam levar o indivíduo a violentar outra pessoa, seja de que forma for (desde as mais brandas até as que chegam a causar a morte de um indivíduo).<sup>32</sup> O que se tem apontado como objeto de “culpa” da violência é o ambiente em que vivem determinados grupos ou ainda a constituição biológica (lembrando a escola positivista, no que foi exposto linhas acima).

Quanto ao ambiente em que se vive, pode-se inferir que em locais onde a violência é verificada de forma constante, a probabilidade de ela se alastrar é muito grande. Em estudos divulgados na revista *Science*<sup>33</sup>, verificou-se que os indivíduos transgressores, em grande parte, sofreram agressões quando crianças e assim encontraram na violência uma forma de defesa. Este estudo ainda aponta para o fato de que a constituição genética destas pessoas colabora para uma baixa produção de enzimas cerebrais que evitam os impulsos violentos.

Em estudo mais recente, temos então a controvertida posição do médico psiquiatra Jan Volavka<sup>34</sup>. Volavka procurou analisar o cérebro humano e a partir daí construir sua tese de que a violência pode ser explicada através da genética e da análise do ambiente onde vive o indivíduo. Em uma obra rica em imagens cerebrais, Volavka procura demonstrar que é possível através da análise destas determinar se o indivíduo tem ou não propensão a ser um criminoso. Por investigações então que abrangem o córtex cerebral e outras regiões consideradas de suma importância na tomada de ideias, chega-se a conclusão de que, determinadas anomalias ou lesões em regiões específicas do cérebro, podem levar o indivíduo

<sup>32</sup> Neste sentido abre-se no capítulo 20, do CID – Classificação Internacional de Doenças - 10, um aparte onde constam os maus-tratos, além de outras espécies de agressões, que constam como causas externas de morbidade e mortalidade.

<sup>33</sup> A. Caspi e colaboradores (2002). **Role of genotype in the cycle of violence in maltreated children.** *Science*, vol. 297: pp. 851-854.

<sup>34</sup> VOLAVKA, Jan. **Neurobiology of violence.** Washington (D.C.): American Psychiatric Publishing, 2002.

a ser um delinquente. A proposta então do médico seria, com a aplicação de uma série de drogas que controlam as disfunções cerebrais, buscar um controle do comportamento violento.

### 3 Proposições para um controle da violência

Feitas as análises do fenômeno da violência, do indivíduo delinquente e das formas como podem se manifestar a violência, parte-se agora para uma série de sugestões para buscar-se um controle do objeto, evitando-se com isto maiores prejuízos ao homem, individualmente falando, e à sociedade a que ele pertence.

Neste sentido então iremos encontrar os mais diversos posicionamentos, desde os radicais, que acreditam ser a pena de morte (em alguns casos) ou o encarceramento (em outros) os meios mais adequados de contenção da violência, até os mais brandos, como os abolicionistas que creem na utilização do sistema penal somente em última instância. Em revisão de várias pesquisas recentes, Osofsky<sup>35</sup> resalta os fatores principais que podem reduzir a violência, dentre eles:

Melhor interação entre pais e filhos e entre educadores e alunos, desenvolver qualidades como cooperação, gentileza, solidariedade, respeito, consideração e responsabilidade, identificação com modelos positivos, ou seja, com pessoas que ocupem posição de destaque e que ajudem a construir a paz e a mitigar as injustiças, participação da comunidade no controle da violência e o envolvimento positivo da polícia com a comunidade.

No que tange ao sistema carcerário<sup>36</sup>, é fato que no Brasil ele encontra-se severamente comprometido. A mídia, em suas diversas formas, comprova o fato de que hoje observamos um movimento de superpopulação carcerária, o que em última análise causa diversos problemas, ao invés de trazer a solução como se esperava. Uma delas é então a “formação” do profissional delinquente<sup>37</sup>, já que irão estar em um mesmo espaço físico os que ainda

<sup>35</sup> OSOFSKY, Joy D , apud MALDONADO, Maria Tereza. Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência. São Paulo: Editora Moderna, 2002, p. 84.

<sup>36</sup> De acordo com Rodrigo G. Azevedo (op. cit., p. 227), outro malefício ligado ao crime é o abandono pelo Estado do sistema penitenciário, palco de inúmeros abusos institucionais e incremento das mais variadas formas de violência, nas quais impossibilitam a ressocialização dos apenados. Azevedo constata que a realidade encontrada pela CPI, em suas diligências nos mais variados estabelecimentos penais, é de confronto com a legislação nacional e internacional, de agressão aos direitos humanos e de completa barbárie. Ao longo de seus trabalhos, a CPI apurou que a maioria dos estabelecimentos penais diligenciados necessita de ampla reforma, a fim de permitir o adequado alojamento dos presos.

<sup>37</sup> Chies entende que o Brasil vivencia casos como o do Comando Vermelho, que tem sua origem na confluência de ideários de presos políticos e comuns, em fins da década de 1970 no sistema penitenciário do Rio de Janeiro. Mais recentemente, entre tantos outros “Comandos” e “Facções”, ganha importância no cenário brasileiro o Primeiro Comando da Capital (PCC), que tanto em fevereiro de 2001 como em maio de 2006 mostrou sua

aguardam um julgamento com outros que estão há anos cumprindo pena por cometimento de crimes violentos. Outros grandes problemas que se enfrentam são as questões de saúde, pela falta de uma estrutura condizente, além dos movimentos de motins, que acabam gerando lesões e até mortes, tanto de presidiários quanto da equipe carcerária.

Uma forma séria de solucionar o problema, ao menos em parte, seriam grandes investimentos por parte do Estado em educação<sup>38</sup>, saúde e melhores empregos, onde se tenha por consequência uma melhor distribuição de renda para todos e assim se consiga minimizar o problema das grandes desigualdades que se observam atualmente, as quais, ao fim e ao cabo, são as grandes geradoras da violência em seus mais diversos aspectos.

Por fim, nas palavras do filósofo Nilo Odália<sup>39</sup>, a violência é uma forma de “privação” e com isto resumem-se uma série de colocações. Uma vez que há uma privação perde-se algo, o que pode em última análise traduzirem-se em um direito, em dignidade e em cidadania, elementos estes de primordial importância para a formação do caráter individual e para a manutenção de um bom convívio entre os formadores de uma sociedade.

## CONCLUSÃO

A ideia de tratar sobre o tema violência surge da necessidade de buscar-se uma reflexão profunda sobre algo que causa grandes prejuízos, de todas as ordens, dentro da sociedade, seja ela de qual origem for.

Neste contexto então é que foram feitas as análises das bases da violência, tendo-se sempre o cuidado de deixar claro que são formas de vê-la e que as mesmas estão longe de ter a pretensão de se tornar um dogma, mas, muito pelo contrário trazendo ao leitor um convite para refletir sobre o tema.

A análise do tema vem a comprovar que o mesmo, devido a sua complexidade necessitou perpassar por várias áreas, buscando subsídios em cada uma para ter uma ideia mais clara sobre como o fato se forma e posteriormente tendo condições de compreender seus mais diversos reflexos na formação da cadeia social.

---

capacidade organizacional através de movimentos que afetaram estabelecimentos carcerários como a própria sociedade extramuros.

<sup>38</sup> Segundo dados do IBGE (1992-2011) verifica-se uma queda no nível de analfabetismo de 16,44% para 7,9% da população, o que demonstra que estamos gradativamente evoluindo, mas ainda temos que lidar com a problemática, pois em um país com dimensões continentais como o Brasil este percentual tem uma grande representação.

<sup>39</sup> ODALIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

Os estudos comprovaram que este fenômeno causa inúmeros prejuízos à sociedade, tendo como maior peso a exclusão do indivíduo do contexto, seja de forma direta ou indireta.

Verificou-se que existem diversas causas que levam o homem a ser violento, sendo que nenhuma delas é determinante o que exige uma continuidade nas pesquisas de cunho científico. Há vários estudos recentes também neste sentido (principalmente na neurociência) os quais ainda estão incompletos e apresentam seus paradoxos.

Importante perceber as alterações que o fenômeno da violência está causando na sociedade como um todo, principalmente em termos sócio-culturais, modificando toda uma formação e trazendo o medo como algo que está quase que banalizado e naturalizado. Desta forma, nossas residências estão se tornando verdadeiras fortalezas, ao invés de ser um espaço de prazer e convivência harmoniosa.

Finalmente, vê-se que é necessário ainda um grande investimento Estatal em termos de políticas públicas voltadas para a educação, saúde, segurança pública e direitos sociais viabilizando que se tenha melhores condições de vida e com isto se consiga, mesmo que gradativamente, ir reduzindo os movimentos de violência que assolam o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Caspi e colaboradores (2002). **Role of genotype in the cycle of violence in maltreated children.** Science, vol. 297: pp. 851-854.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli. **Sociologia e Justiça Penal.** Teoria e Prática da Pesquisa Sociocriminológica, 2010.

BERISTAIN, Antonio. **Nova criminologia à luz do direito penal e da vitimologia.** Tradução de Cândido Furtado Maia Neto. Brasília: editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. **A Capitalização do tempo social na prisão: a remição no contexto das lutas de temporalização na pena privativa de liberdade.** São Paulo: IBCCrim, 2008.

DADOUN, Roger. **A violência: ensaio a cerca do “homo violens”.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DAHLBERG, Linda L. e KRUG, Etienne. **Violência: um problema global de saúde pública.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232006000500007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007). Acesso em 22/08/2013.

FALEIROS, V.P. **Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores.** Brasília: Universa, 2007b.

FERREL, Jeff. **Cultural Criminology: an invitation.** London: Sage, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 31ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea.** (tradução, apresentação e notas André Nascimento). Rio de Janeiro: Renavan, 2008.

GAUER, José Chittó. **A complexidade do fenômeno da violência.** PUCRS Informação em Revista: Porto Alegre, v.26, n. 116, p. 43, 2003.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I.** São Paulo: Boitempo, 2012.

IBGE. Séries históricas e estatísticas. **Taxa de analfabetismo de pessoas de 10 anos ou mais de idade.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:  
<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=PD330&t=taxa-analfabetismo-pessoas-10-anos-mais>. Acesso em 06/09/2013.

MACKENZIE, W. J.M. **Poder, violência, decisão.** Rio de Janeiro: Arte Nova, 1978.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência.** São Paulo: Moderna, 2002.

MICHAUD, Yves-Alain. **A violência.** São Paulo: Ática, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra Idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria.** 2ª. ed. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

ODALIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

PINO, Angel. **Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo.** Educação Social, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial p.763-785, out. 2007.

VOLAVKA, Jan. **Neurobiology of violence.** Washington (D.C.): American Psychiatric Publishing, 2002.

ZALUAR, Alba. **Democratização inacabada: Fracasso da Segurança Pública.** Estudo av. São Paulo, v21, n.61, Dez. 2007. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142007000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300003&lng=en&nrm=iso). Acesso em 14/09/2013.

World Health Organization. Global consultation on violence and health. **Violence: a public health priority.** Geneva: WHO; 1996.

YOUNG, Jock. **A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente.** Rio de Janeiro: Revan, 2002.